

## **Reflexões sobre uma experiência de estágio com idosos asilares**

**Adriana Aparecida Almeida de Oliveira<sup>1</sup>**

**Bruna Rafaela Ortiz de Camargo<sup>2</sup>**

**Clariana Rodrigues Cardin<sup>3</sup>**

**Daiane Camilo<sup>4</sup>**

**Jose Sterza Justo<sup>5</sup>**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

*Descobri a doçura de ter atrás de mim um longo passado.*

(Simone de Beauvoir, 1967).

### ***Introdução***

Dar significação à velhice parece, *a priori*, ser uma tarefa simples, de pontuações quase evidentes. Entretanto, a velhice está imersa em um conjunto de temas profundamente complexos, que demandam atenção especial às múltiplas facetas ali enredadas: biológica, psicológica, cultural, sociológica, política, econômica... Mais complexo ainda é dizer sobre a velhice institucionalizada.

Inúmeros teóricos definiram a velhice de diversas maneiras. Para Erikson (1976), ela é uma fase na qual se desenvolve a Integridade x Desesperança, quando ocorre a avaliação do que fora vivido pelo idoso. O autor acredita que, se este for capaz de manter a "integridade do ego" para adaptar-se às mudanças naturalmente geradas pelo decorrer da vida, atingirá, por excelência, o fim de toda experiência vivenciada: a dádiva da sabedoria. Mas, se suas experiências não gerarem sentimentos de produtividade e valorização, ele experimentará a tristeza e a desesperança. E, se a integridade egoica é capaz de gerar posteriormente a sabedoria, que, por sua vez, tem direta relação com a esperança, esse conceito torna-se, no caso dos velhos asilados, de certa forma, cruel. Na instituição asilar, a "integridade do ego" torna-se difícil de ser sucedida, e a sabedoria perde sua valia. Falar, então, na presença da desesperança, neste caso, seria redundância.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>5</sup> Livre-Docente pela Universidade Estadual Paulista. Professor Assistente Doutor da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

Simone de Beauvoir (1970) alude à aposentadoria como marcador da transição da vida adulta para a velhice, assim como a do adolescente para a do adulto é feita por meio do voto. Em seu livro *A Velhice*, citando Hemingway, enfatiza que a "(. . .) aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. (. . .) aposentar-se é abandonar nossas ocupações – essas ocupações que fazem de nós o que somos – equivale a descer ao túmulo". No entanto, "asilar-se" toma, em maiores proporções, essa situação de abandono. O asilado, além de abandonar suas ocupações, abandona (ou é abandonado) (pelos) seus familiares, suas residências, seus pertences materiais e até afetivos.

Ainda em *A Velhice*, Beauvoir relata que, ao publicar *A Força das Coisas* (1963), recebeu críticas, inclusive de idosos, que garantiam que a velhice não existe, que "(. . .) há pessoas menos jovens que outras, e nada mais". A filósofa aponta, nesse ponto, a velhice tida como "um segredo vergonhoso", o qual deve ser silenciado.

Porém, essa tarefa tornou-se hoje, quase cinquenta anos depois, difícil de ser realizada. Não há mais como negá-la, escondê-la, uma vez que a última década assistiu à transformação da velhice. É fato que os idosos correspondem a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico, o que exige uma maior inserção do idoso na dinâmica social e uma reformulação de políticas públicas. Surge, então, um novo estereótipo de velhice: ativa, jovial, com boa capacidade de socialização; e, dessa forma, se o idoso vive no isolamento e na dependência, a responsabilidade é atribuída tão somente ao próprio indivíduo. A sociedade nega qualquer tipo de envelhecimento que não seja o incitado pelo sistema capitalista, que exige o consumo de estilos de vida adequados.

Se os idosos não conseguem mais produzir, trabalhar, desejar, questionar, votar e viver ativamente, aos poucos caem na submissão total, deixando de participar do mundo em sociedade, que lhes outorga um "exílio". Muitas vezes, sem considerar suas opiniões, os levam para instituições asilares, que se tornam responsáveis pelos seus internos, inclusive obtendo alguns direitos sobre eles. Diante disso, os velhos perdem seu espaço na família e na vivência com filhos e netos, e, uma vez destinados a esse espaço, tornam-se sinônimo de doença, incapacidade, invalidez física e psíquica, características mais habituais nessas instituições: a não lucidez. Visto como um mal necessário, o asilo assume o papel de acolher os idosos rejeitados, que não encontraram mais lugar no mundo social.

### ***Relato de experiência***

O Estágio de Convivência com Idosos Asilares, como campo de observação, foi uma proposta inovadora, visto que a universidade apenas abria portas para a Terceira Idade não institucionalizada. Participavam desse estágio três instituições asilares privadas. Semanalmente, em um *campus* universitário, aconteciam oficinas com os idosos residentes nessas instituições. Várias atividades eram ministradas durante as oficinas; conforme as limitações de cada idoso, procurava-se desenvolver atividades que resgatassem capacidades antes adormecidas pela instituição, atividades lúdicas, oficinas temáticas, passeios externos. Entre as atividades, estavam: pintura, desenho livre, massa de modelar, jogos (dama, xadrez, dominó, baralho, gincanas), oficinas de beleza, esporte coletivo, artesanato, alongamento, passeios externos (baile da terceira idade, contato com a natureza, sorveteria, pesqueiro, passeio de trenzinho, entre outros).

As experiências internalizadas da convivência com os idosos permitiram uma troca constante, possibilitando a passagem de sabedoria entre gerações, em que os indivíduos se refaziam e se constituíam mutuamente, implicando renovação e conquista. Notava-se, essencialmente, inclusive por parte dos idosos, uma motivação e um entusiasmo maior, após a realização das oficinas, além uma aceitação maior das situações que vivenciavam.

Assim, observou-se como foi deveras importante retirar esses idosos, mesmo que por um curto período de tempo, de seu mundo institucionalizado, no qual o isolamento e a solidão são sentimentos permanentemente experienciados por muitos deles. Por isso, as atividades recreativas do estágio procuravam ser atraentes, diversificadas, para que promovessem a aproximação social, sendo desenvolvidas, de preferência, coletivamente. Dessa maneira, foi possível alcançar níveis bastante satisfatórios de desempenho físico, gerando autoconfiança, satisfação, bem-estar psicológico e interação social.

Naturalmente, devido à intensa convivência com os idosos, despertou-se o interesse em saber como se passava o modo de vida nas instituições asilares. E, com visitas a essas instituições, pôde-se perceber a difícil realidade que lhes é inerente. Sua população é dessemelhante, tanto em idade, como em condições de saúde. Lá se encontraram deficientes visuais, mentais, psicóticos com diagnósticos diversos, pessoas com quadro demencial, com sequelas de AVC, alcoolistas, e até mesmo pessoas com menos de 50 anos – como o caso de um homem que vivia no asilo desde os oito anos de idade, acompanhando sua mãe enferma.

Percebeu-se, também, que a vida asilar é exaustiva, pois facilmente se perde a noção temporal. Ademais, a rotina é fatigante: o café-da-manhã, almoço e jantar são sempre servidos nos mesmos horários. O cardápio praticamente é invariável. Entre essas refeições, os idosos "vegetam" no pátio, aguardando por nada. Ficam ali, como se vivessem num mundo paralelo, excluídos por todo o resto da sociedade, confirmando, apenas, o que Goffman (1987) salienta sobre a tendência ao fechamento de toda instituição, cujo caráter total é personificado pela barreira social com o mundo externo.

### ***Considerações finais***

Por conseguinte, pode-se pensar que, no cuidado com idosos, é fundamental que se faça um resgate de diversos aspectos que são camuflados com a institucionalização. Para tanto, há a necessidade de uma equipe multidisciplinar, que consiga reconhecer todo o funcionamento do órgão, não agindo em função deles, mas sobre eles, procurando modificá-los, a fim de uma melhoria. Como experienciado, para a obtenção de bons resultados, deve-se trabalhar sincronicamente visando ao bem-estar físico e psicológico, um dependente do outro. Pois, ali, há o corpo envelhecido, e a mente engessada – mente esta, que, às vezes, pode vir a adoecer, mas que jamais envelhece.

Ademais, a história, o trabalho, os lazeres, os gostos, os desejos, os projetos, as vivências, as experiências e o contato com outras diversas pessoas influenciam a relação com o envelhecimento e com os processos de saúde-doença que dele fazem parte. É preciso trazer todos esses sentidos à tona, para que um novo jeito de viver seja proposto

aos idosos – com as orientações, as atividades, os exercícios etc. – conferindo-lhe sentido, de fato, e permitindo que eles sejam sujeitos de sua própria vida.

***Referências***

Beauvoir, S. (2003). *A Mulher Desiludida*. Rio de Janeiro: O Globo.

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Erikson, E. H. (1976). *Infância e sociedade* (G. Amado, trad., 2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Goffman, E. (1987). *Manicômios, prisões e conventos* (2a ed.). São Paulo: Perspectiva.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.  
Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*